

# Da Igreja doméstica à paróquia Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia

Church home to the parish  
Historical aspects of the origins  
to the present parish

*Ney de Souza\**

**Resumo:** O estudo a seguir apresentará uma visão panorâmica da história da paróquia. O percurso revelará os principais momentos e modelos desta organização institucional. O processo tem seu início na Igreja doméstica passando por sua organização institucional até aportar no centro da crise da atualidade. Serão apresentados aspectos desta temática em documentos da Igreja latino-americana.

**Palavras- chave:** comunidade, paróquia, história

**Abstract:** The following study will present an overview of the history of the parish. The route will reveal the key moments and institutional models of this organization. The process has its beginning in the domestic Church through their institutional organization to contribute in the center of the current crisis. Aspects of this topic will be presented in documents of the Latin American Church.

**Keywords:** community, parish, history.

---

\* Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Registro USP. Professor na graduação e Pós-Graduação na PUC SP.

## 1. As origens da paróquia

A história é extremamente importante para um estudo dos primórdios da paróquia. A memória revela a identidade da instituição. “Se a paróquia quer ser ela mesma através dos séculos, seus membros, ainda que de forma e em medida diferenciada, precisam se debruçar sobre seu passado para compreender seu presente e projetar realisticamente seu futuro”.<sup>1</sup>

O termo “paróquia” é de origem grega. O verbo *paroikêin* tem vários significados: *viver junto a, habitar nas proximidades, ser estrangeiro, habitar como peregrino em qualquer parte* (Lc 24, 18 discípulos de Emaús). O substantivo *paroikía* pode ser traduzido por morada em terra alheia, estrangeira (At 13,17). O adjetivo *pároikos* equivale a *vizinho, próximo, que habita junto a, que está situado junto a* (At 7, 6.29; 1 Pd 2,11; Ef 2, 19).

È neste contexto que se deve procurar entender o sentido do termo *paroikía* aplicado ao Povo de Deus, Este povo vive no estrangeiro sem direito de cidadania, Povo de Deus da nova e eterna aliança, a Igreja de Deus e de Cristo, é *paroikía*.

A pesquisa sobre a Primeira Carta de Pedro<sup>2</sup> apresenta a condição de não cidadãos naquela sociedade e, conseqüentemente, de sua pobreza. Quando estes cristãos são chamados de estrangeiros e forasteiros é possível reconhecer seu lugar na sociedade. Muitas vezes o esquecimento adentrou a instituição religiosa ao longo dos séculos e esta esqueceu que “há séculos, as Igrejas cristãs quase não conhecem mais o sentimento do contraste para com a sociedade [...]; os cristãos [...] não estão mais conscientes [...] de que a Igreja, como um todo, deveria ser uma espécie alternativa de sociedade”.<sup>3</sup> Perdendo seu caráter de contraste, seu sal torna-se insosso, e se ela pouco a pouco apagar sua luz [...], perde o seu sentido.<sup>4</sup> Paulo exorta os cristãos de

<sup>1</sup> ALMEIDA, A. J. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009, 21.

<sup>2</sup> SOUZA NOGUEIRA, P. A. *O Evangelho dos sem-teto; uma leitura da Primeira Carta de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 1993, 21.

<sup>3</sup> LOHFINK, G. *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987, 172.

<sup>4</sup> IB. 96.

Roma a não se conformarem com este mundo, mas a transformar-se, renovando sua mente (cf. Rm 12, 2).

Este pensamento anterior é atualíssimo e deve impulsionar os cristãos a apresentarem e viverem um novo modelo de sociedade. A paróquia que é estrangeira – ensina sua etimologia – em relação à sociedade é capaz de se abrir à sua identidade profunda como comunidade de contraste e tornar-se, em pequenos grupos, um questionamento para o mundo e uma proposição de serviço evangélico à vida?

## 2. Da *Domus Ecclesiae* à paróquia

Nos primórdios havia as Igrejas domésticas (*domus Ecclesiae*). O principal responsável da implantação deste projeto no cristianismo foi Paulo: um cristianismo universalista e ao mesmo tempo doméstico.

A radicalidade do projeto missionário de Paulo, que lhe provocou tensões e conflitos muito grandes, convite, porém, com a *preocupação constante de não se desvincular das outras Igrejas*, sobretudo da Igreja-mãe de Jerusalém (cf. Gl 1, 17a.18.19; 2,1 etc.). Paulo não aceita os tabus sectários e étnicos, mas ao mesmo tempo considera essencial manter os vínculos com os judeu-cristãos de Jerusalém, o que lhe garante também raízes antigas, que vêm do Antigo Testamento, da ‘santa raiz’ (Rm 11, 17s) do povo da primeira Aliança.<sup>5</sup>

A estratégia paulina consiste na fundação de comunidades nas cidades que são capitais de província. O movimento de Jesus era itinerante e desinstalado, a dinâmica de Paulo promoveu um cristianismo sedentário, baseado em comunidades locais, que dispunham de diversos ministérios, não dependendo de missionários de passagem. Duas são as preocupações fundamentais destas comunidades: seu fortalecimento e a missão. Paulo confia na capacidade das Igrejas de subsistirem e de regularem sua vida com ampla liberdade.

A relação com o mundo se dava através da atitude para com a casa. A casa justamente por ser a estrutura básica da sociedade, está necessariamente ligada com a totalidade da sociedade. Neste sentido,

---

<sup>5</sup> ALMEIDA, A. J. op. cit. 29.

encontram-se aqui elementos que definem a novidade da experiência cristã:

- a) A igreja vivida e compreendida como Povo de Deus;
- b) A presença transformadora do Espírito;
- c) A abolição das barreiras sociais;
- d) A práxis da reciprocidade;
- e) O amor fraterno, ao próximo, aos inimigos;
- f) A renúncia ao domínio;
- g) A Igreja como sociedade de contraste: outrora agora; homens velhos/nova criatura; estar no mundo/não ser do mundo; ‘já’ / ‘ainda não’;
- h) Não conformidade com este mundo;
- i) O sinal para as nações (movimento centrípeto versus movimento centrífugo, missão versus atração).<sup>6</sup>

O primeiro espaço para as reuniões específicas das comunidades cristãs foi a casa (habitação), e o primeiro núcleo das Igrejas domésticas foi a casa-família (no sentido amplo que então tinha a palavra), o que propiciava a aquisição, por parte dos primeiros cristãos, da consciência de sua identidade e de sua diferença com o judaísmo (cf. At 2,46). Além de as reuniões serem simples, as casas tornavam possível a vida comunitária, de um lado, e serviam de plataforma missionária, lugar de acolhida dos pregadores itinerantes e de apoio econômico ao movimento nascente. O cristianismo foi assim se firmando através de uma estrutura pequena, em comunidades (30-40 pessoas).

As mulheres tinham um papel relevante nas igrejas domésticas. Pelas cartas de Paulo, conhecemos Ninfas, que, com Filêmon e Arquipo, era líder de uma Igreja em sua casa (cf. Cl 4, 15); Priscila e seu marido Àquila, que foram chefes de uma Igreja em Éfeso (cf. 1 Cor 16, 19) e, depois, em Roma (cf. Rm 16, 3.5); Lidia, a primeira convertida em Filipos, em cuja casa se reunida uma igreja (cf. At 16, 15); Evódia e Síntique, também de Filipos (cf. Fl 4, 2-3); Maria, Trifena, Trifosa, Pérside, que “têm trabalhado muito no Senhor” (Rm 16, 6.12); a mãe de Rufo (cf. Rm 16,13); Júnia (cf. Rm 16, 7); os casais Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã (cf. 1 Cor 9,5), provavelmente um casal missionário (cf. Rm 16, 15), todos cristãos e cristãs de Roma;

<sup>6</sup> LOHFINK. Op. cit. 169-183.

no porto de Cencreia (11 km a sudoeste de Corinto), Febe, que é *diáconos* naquela Igreja. As mulheres, portanto, participam ativamente no movimento cristão, no mesmo nível que os homens, e exercem funções missionárias, de ensino e liderança das comunidades.<sup>7</sup>

No movimento missionário cristão se encontram “muitas mulheres, e mulheres muito ativas. Aparecem, às vezes, colaborando em pé de igualdade com Paulo, ensinando, como missionárias itinerantes, são chamadas de apóstolo, diácono, protetora ou dirigente. Nesta fase, encontramos mulheres em todos os ministérios e responsabilidades eclesiais mencionados”.<sup>8</sup>

No cristianismo primitivo há um grande vínculo com a casa, porém transcende os limites locais. As Igrejas estão em comunhão entre si, e todas têm consciência de ser a única Igreja.

Uma Igreja sólida como instituição, mas vazia de vida comunitária real, não combina com a inspiração fundamental do Novo Testamento. Essas comunidades, porém, têm que evitar o exclusivismo e o fechamento em si mesmas. Neste caso, podem degenerar em guetos, em comunidades personalistas e em fontes de discórdia, como [...] aconteceu em Corinto. Também não basta uma universalidade intencional, mas é necessária a participação e o intercâmbio efetivo com unidades mais amplas de vida eclesial.<sup>9</sup>

Em seu estudo Aguirre faz uma observação importante sobre o valor teológico no que se refere às Igrejas domésticas:

O que teologicamente está em jogo, nas Igrejas domésticas, antes de tudo, não é a sacralização de uma estrutura social – a casa-família –, mas sim a busca de uma possibilidade social para que se estabeleçam os vínculos de fraternidade e vida nova que exprimam a fé em Jesus Cristo. Esse valor teológico terá que dirigir o discernimento sobre a realidade atual.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. ALMEIDA. Op. cit. 33; AGUIRRE, *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana; ensayo de exégesis sociológica del cristianismo primitivo*. Estella: Verbo Divino, 2001, 205.

<sup>8</sup> AGUIRRE. Op. cit. 207.

<sup>9</sup> AGUIRRE. Op. cit. 107.

<sup>10</sup> IB. 109.

Com o edito de Milão (313) assinado pelo Imperador Constantino, a Igreja passou de religião ilícita para religião lícita, ou seja, reconhecida publicamente e livre para exercer suas atividades. Pouco mais de meio século depois, o Imperador Teodósio, com o edito de Tessalônica (381), declarou a Igreja cristã religião de Estado. Com isso, a Igreja cristã passa a ocupar, na estrutura do Império romano, o lugar antes ocupado pela religião pública pagã. Essa nova situação vai se refletir na arquitetura das igrejas, ou seja, nos templos cristãos. Desde o século IV nas cidades maiores, em Roma, sobretudo, às pequenas casas-igrejas, já transformadas em igrejas titulares, sucedem as grandes basílicas, imitando o estilo dos prédios públicos imperiais. O templo vai aos poucos perdendo sua referência ao povo que ali se congrega. As assembleias cristãs, por sua vez, tornam-se cada vez mais massivas e anônimas. O antigo equilíbrio entre Igreja da casa (comunidade espiritual social) e casa da Igreja ou simplesmente casa igreja (pequeno espaço físico onde a comunidade se reunia), em certa medida abalada pela introdução dos títulos, será praticamente dissolvido pela introdução das paróquias territoriais, em que os limites entre comunidade eclesial e sociedade civil começam a desaparecer, e a identificação entre paróquia e igreja paroquial começa a emergir.

### 3. Nascimento da paróquia

A partir do século IV a organização da Igreja passa por importante transformação, surgindo a diocese e a paróquia. A Igreja começa a organizar comunidades em torno de um grupo de presbíteros: sua fisionomia episcopal e urbana começa a ganhar traços presbiterais e rurais.

No século IV assiste-se o gradual desenvolvimento de uma nova forma de organização eclesial, que tem por base o território, recebendo mais tarde o nome de paróquia. Os documentos fundamentais que registram o seu nascimento são dois: o cânon 77 do Concílio de Elvira (300-306) e o cânon 21 do Concílio de Arles (314). Elvira afirma: “Se um diácono que governa uma plebe (*regens plebem*) batiza sem [a permissão do] bispo e [do] presbítero, o bispo deve completar [o rito] com a benção [confirmação]”. Arles prescreve: “A respeito dos

presbíteros e diáconos que costumam abandonar os lugares (loca) para os quais foram ordenados e se transferem para outros lugares, aprouve [ao sínodo decidir] que eles sirvam nos lugares para os quais foram nomeados. Se, tendo abandonado o próprio lugar, se transferem para outro lugar, sejam depostos”. Esses cânones revelam a existência de comunidades distantes da sede episcopal nas quais residem estavelmente presbíteros e diáconos com funções ainda limitadas e imprecisas, mas assumidas por eles como próprias.<sup>11</sup>

O desdobramento desta organização eclesial, paróquia, trará uma centralização na vida da Igreja e, ao mesmo tempo, o dinamismo missionário diminuirá e aumentará a preocupação sacral e sacramental. A pertença à Igreja não é mais fruto da atividade missionária – à qual se responde ou com a fé ou com a descrença, mas sempre com uma opção pessoal – e de um bem articulado catecumenato, mas de nascimento: nasce-se na Igreja como se nasce numa família, numa cidade, num país. O formato eclesial básico não é mais da pequena comunidade, mas sim do conglomerado social. Na Cristandade não haverá como distinguir entre espaço civil e espaço cristão: de um lado, os âmbitos eclesiais são assumidos pela sociedade civil; do outro, as instituições sociais não eclesializadas. A passagem da *domus Ecclesiae* à *Ecclesia paroecialis*, estará consumada.

#### 4. Paróquia no período da Cristandade medieval e do Concílio de Trento

A paróquia entra numa nova fase da sua história. A partir do século V os bispos passam a conceder aos senhores feudais os sacerdotes que eles pedem, sob a condição de mantê-los. O sacerdote acaba se tornando um empregado de um senhor e, isolado do presbitério local urbano, perde toda a perspectiva missionária e comunal.<sup>12</sup> Na época dos carolíngios (séculos VII-IX) os senhores feudais os reis e os imperadores se reservavam o direito de erigir paróquias.

<sup>11</sup> Informações fornecidas por ALMEIDA, A. J. Op. cit. 43-44.

<sup>12</sup> Cf. ALMEIDA, A. J. Op.cit. 48.

A principal consequência desta situação é que os bispos consideraram seus sacerdotes como vassallos, substituindo a intercolegialidade primitiva por uma obediência de tipo vertical. A ordenação perde o caráter de participação na missão do bispo e se torna um envio. Um envio não missionário, mas para a tarefa de celebrar a eucaristia e administrar os sacramentos num território determinado.<sup>13</sup>

A partir do século X, a urbanização começa a tomar corpo, os burgos e as cidades adotam a divisão em paróquias territoriais, reproduzindo, nas cidades, as divisões próprias das zonas rurais. O padroado se transformava num real direito de nomeação do pároco e de intervenção na vida da paróquia. Evidentemente a relação da paróquia e do pároco com o bispo enfraquece, enquanto se fortifica a relação com o senhor feudal, um leigo,<sup>14</sup> o Senhor da Igreja.

Desde então, o pároco passou a ter duas funções principais: administrar o benefício em razão da justiça e atender à *cura animarum* em virtude do dever. Pouco a pouco foram se estabelecendo as obrigações e os direitos paroquiais. Os fiéis, mais que uma comunidade (igreja antiga) ou mais que ligados a uma comunidade (início da Idade Média), estão ligados a um pároco (paróquia é 'coisa de padre!'), investido do direito e do dever da 'sacramentalização' e da administração.<sup>15</sup>

O modelo paroquial é marcado pela visão de mundo medieval, que funde e também confunde sociedade civil e sociedade eclesial. É necessária sempre muita vigilância para que a paróquia não sofra os influxos negativos da sociedade civil.

Em mais um recorte histórico apresenta-se aqui uma análise do fim da Idade Média. Nos séculos XIV e XV fenômenos sociais e culturais conduziram a uma lenta involução das paróquias e dioceses. Era o resultado do mais vasto fenômeno de decadência eclesial e da

<sup>13</sup> MAERTENS, J.-Th. *Los grupos pequenos y el futuro de la Iglesia*. Salamanca: Sigueme, 1973, 65.

<sup>14</sup> KNOWLES, D.; BOLENSKY, D. *Nova História da Igreja*. Idade Média. Petrópolis: Vozes, 1974, 58ss.

<sup>15</sup> ALMEIDA. A. J. Op. cit. 51.



incapacidade de reforma *caput et membris*. Resultado de toda essa situação será a Reforma Protestante (1517).

Neste período chegava o catolicismo aqui na América Latina e, portanto, no Brasil. Um catolicismo bastante heterogêneo. Nele, conviviam o catolicismo popular medieval e as estruturas eclesiásticas forjadas ao longo do primeiro milênio; o evangelismo radical das ordens mendicantes, ao lado dos antigos vícios de clérigos e leigos, que nem os mendicantes nem a Reforma Católica anterior a Trento conseguiram extirpar; o catolicismo pós-tridentino (que só chegará aqui no final do século XVII), disputando espaço com o catolicismo da Restauração do século XVI, que se manteve intacto por todo o período colonial.

Os centros de irradiação desse catolicismo não eram as paróquias, mas os conventos (franciscanos, dominicanos, jesuítas, carmelitas, mercedários), assim como na Europa. As paróquias funcionavam como centros administrativos, onde os fiéis cumpriam formalidades exigidas pela Igreja no Batismo, no matrimônio e nos funerais, e buscavam os papéis dos respectivos registros.

A devoção só se satisfaz nas igrejas dos frades. É nas igrejas dos frades que se ouvem as melhores pregações, que se honram os santos mais populares, e, sobretudo nessas igrejas, os fiéis podem constituir associações de piedade e ajuda mútua, na forma de ordens terceiras e irmandades.<sup>16</sup>

No Concílio de Trento (1545-1563) a temática sobre a paróquia não redesenhou seu perfil e, portanto, não trouxe novidades. O tridentino procurou transformá-la em sujeito de atuação da Reforma Católica. Segundo o Concílio o maior responsável pela pastoral é o clero; instituiu os seminários como centros de formação dos futuros pastores. Efetiva os critérios de territorialidade da paróquia. As iniciativas tridentinas precisaram o modelo *moderno* de paróquia, que chegou, sem substanciais mudanças, até o século XX, para não dizer até a atualidade.

---

<sup>16</sup> COMBLIN, J. A paróquia ontem, hoje e amanhã, in GREGORY, A. F. (ed.). *A paróquia ontem, hoje e amanhã*. Petrópolis: Vozes, 1967, 53ss.

## 5. Paróquia e sociedade contemporânea

A reação das paróquias não foi diferente da sociedade eclesial de seu tempo. No século do iluminismo e das revoluções (industrial e francesa), as paróquias reagiram com a rigidez típica da insegurança e da agressividade. As paróquias se fecharam em si mesmas acentuando ainda mais o pietismo, o devocionalismo e expressões de religiosidades desencarnadas de sua realidade.

Movimentos de renovação investiram sobre a paróquia, a fim de transformá-la ou de cooptá-la para seus objetivos, mas não conseguiram mover sua estrutura e seu modelo disciplinar e pastoral, que é essencialmente o feudal, requeitado na longa estação pós-tridentina e enrijecido na Modernidade.

Nas décadas de 1940 e 1950, além dos grandes movimentos extra paroquiais de renovação – bíblico, patristico, litúrgico, ecumênico, missionário, laica, comunitário – alguns segmentos renovadores reacendem o interesse pela paróquia, que se torna foco de iniciativas de reflexão e de ação mais específicas.<sup>17</sup>

Esse processo histórico forma o mais amplo pré-Concílio e, evidentemente filtrado e relido, desagua e se coagula no Concílio Vaticano II (1962-1965). O Vaticano II foi um concílio de transição e este vê a paróquia sob uma nova perspectiva: o olhar se desloca do pároco para a comunidade; da *cura animarum* para a edificação da comunidade; da concentração sobre si mesma para a de-centração sobre o mundo. Um dos desafios neste contexto pós-conciliar é a paróquia entender que a evangelização tem que ser diocesana, envolver a comunidade cristã como um todo, e não se prender, ainda que tenha algum sentido, importância e valor, aos limites de um território.<sup>18</sup>

O Concílio Vaticano II não apresenta um documento ou parte específica sobre paróquia, mas há uma chave de leitura muito importante no texto: a Igreja Particular. A paróquia, comunidade de comunidades, seria hoje a concretização histórica que torna visível a Igreja. É onde

<sup>17</sup> ALMEIDA, A. J. Op. cit. 59.

<sup>18</sup> FLORISTÁN, A. Crisis de la parroquia y comunidades de base, in *Phase 8* (1969) 333-349.

todos os que nela participam fazem a experiência de ser Igreja com uma multiplicidade de dons, carismas e ministérios.<sup>19</sup>

O Concílio apresenta a Igreja Particular partindo da Eucaristia e insiste no valor da Igreja reunida em assembleia eucarística. Outra perspectiva para a redescoberta da Igreja particular aborda a natureza missionária da Igreja. A paróquia, para o Vaticano II, só pode ser compreendida a partir da Diocese. Ela é uma célula da diocese.<sup>20</sup>

A Igreja que prolonga a missão de Jesus há de ser compreendida primeiramente como comunhão, pois sua raiz última é o mistério insondável do Pai, que, por Cristo e no Espírito, quer que todos os homens e mulheres participem de sua vida infinita e eterna comunhão, na liberdade e no amor, vivendo como filhos e filhas, irmãos e irmãs.

A comunidade entendida no horizonte da comunhão tem, portanto, força profética no mundo contemporâneo marcado por traços profundos de individualismo. Quando se propõe uma nova paróquia como comunidade de comunidades, mas do que imaginar ou criar novas estruturas, trata-se de recuperar as relações interpessoais e de comunhão como fundamento para a pertença eclesial. Não há outro elemento de natureza teológica mais importante para alimentar a configuração eclesial do que a comunhão.<sup>21</sup>

O Concílio Vaticano II afirma que a paróquia pode ser sintetizada em três direções: a passagem do territorial para o comunitário; do princípio único do pároco a uma comunidade toda ministerial; e da dimensão cultural para a totalidade das dimensões da comunhão e missão da Igreja no mundo.

### **Necessidade de renovação: uma contribuição latino-americana**

Os documentos das Conferências do Episcopado Latino-americano, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida oferecem enorme contribuição no sentido de renovação paroquial. O documento final da 2ª Conferência do Episcopado Latino-americano realizada em Medellín (1968) já apresentava a revisão de “uma pastoral de conservação

---

<sup>19</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia*. N. 55.

<sup>20</sup> Apostolicam Actuositatem n.10.

<sup>21</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia*. N. 63.

baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização” (Medellín 6,1), alertou os padres para uma “especial solidariedade de serviço humano, expressa numa viva dimensão missionário e pastoral” (5,15). A 3ª Conferência, realizada em Puebla (1979) afirmava que a estrutura da paróquia é insuficiente para a evangelização e que se necessita superar seus aspectos meramente administrativos (78 e 649). Em Santo Domingo (1992) a 4ª Conferência volta a estudar e refletir sobre a organização paroquial. O documento assinala um lento processo de renovação das paróquias (59 e 61).

A 5ª Conferência do Episcopado Latino-americano (2007) em Aparecida observa que a “Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros” (Aparecida, 367). O documento vai mais além e aponta as primeiras comunidades cristãs como modelo paradigmático de renovação comunitária na medida em que “elas souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias” (369). Essa insistência significa reformular as estruturas paroquiais para uma maior participação e comunhão de todos (173). Significa também que qualquer entidade ou comunidade no interior da Igreja procure “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (365). Afirma que nos projetos diocesanos “os leigos devem participar do discernimento da tomada de decisões, do planejamento e da execução” (371). Somente seguindo estas orientações é que se recupera a eclesiologia do Vaticano II, se atualiza a realidade vivida nas primeiras comunidades cristãs, se corrige a distorção do clericalismo, se fundamenta adequada e seriamente a missão futura da Igreja.

A 51ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em Aparecida-SP de 10 a 19 de abril de 2013 aprovou um ‘texto de estudo’, citado já algumas vezes neste artigo. A CNBB não assumiu este texto como documento, importante decisão, pois este não partiu das comunidades. A Assembleia enviou o texto de estudo aos regionais da CNBB para ser debatido, estudado e aperfeiçoado. A intenção é de receber contribuições para que na Assembleia de abril de 2014 a discussão possa continuar, dessa vez a partir das observações, sugestões, cortes e recortes e, principalmente novidades apresentadas pelas bases, ou seja, pelas próprias comunidades. Uma

ausência em alguns documentos eclesiais ou textos de estudos é a perspectiva histórica. É sempre necessário analisar o processo, o caminho realizado com seus acertos e suas lacunas. Somente assim será possível apontar mais acertadamente o caminho.

O papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) assinala que a “paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes de evangelização” (28). É necessário, afirma o papa, que a paróquia “esteja em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos” (28). Reconhece Francisco que “o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-se ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de vida comunitária e participação e orientando-se completamente para a missão” (28).

## Documentos e textos

- FRANCISCO. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CONFERENCIAS GENERALES EPISCOPADO LATINOAMERICANO. *Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. Santiago: San Pablo, 1993.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus-Paulinas, 2007.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia*. N. 104. São Paulo: Paulus, 2013.

## Bibliografia

- AGUIRRE, *Del movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana*; ensayo de exégesis sociológica del cristianismo primitivo. Estella: Verbo Divino, 2001.
- ALMEIDA, A. J. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COMBLIN, J. A paróquia ontem, hoje e amanhã, in GREGORY, A. F. (ed.). *A paróquia ontem, hoje e amanhã*. Petrópolis: Vozes, 1967.

- FLORISTÁN, A. Crisis de la parroquia y comunidades de base, in *Phase 8* (1969) 333-349.
- KNOWLES, D.; OBOLENSKY, D. *Nova História da Igreja*. Idade Média. Petrópolis: Vozes, 1974.
- LOHFINK, G. *Como Jesus queria as comunidades?* A dimensão social da fé cristã. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MAERTENS, J.-Th. *Los grupos pequenos y el futuro de la Iglesia*. Salamanca: Sigueme, 1973.
- MIRANDA, M. F. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SOUZA NOGUEIRA, P. A. *O Evangelho dos sem-teto*; uma leitura da Primeira Carta de Pedro. São Paulo: Paulinas, 1993.
- SOUZA, N.; GONÇALVES, P. S. L. *Catolicismo e sociedade contemporânea*. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013.